

# REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE IMAGENS NA NARRATIVA DE VIAGEM – I

## Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos

Ana Paula Coutinho Mendes  
*Faculdade de Letras do Porto*

Tal como a identidade do sujeito – que não pode ser encarada como uma forma de ser plena e apriorística, mas antes como uma realidade fundamentalmente dinâmica ou relacional – também aquilo a que se poderá chamar a identidade literária, onde se cruzam questões de identidade pessoal e social, (embora sem pretender assimilá-la a uma cultura nacional, como aconteceu no século XIX), acaba sempre por revelar uma dimensão estrangeira, que é uma das manifestações do Outro.

Note-se, a propósito, que em algumas das línguas europeias mediterrânicas, esta realidade de uma alteridade constituinte ou de um ser intrinsecamente heterogéneo encontra-se, desde logo, anunciada e sintetizada em sintagmas nominais como *noi altri* (italiano), *nous autres* (francês) ou *nosotros* (espanhol). Num ensaio dedicado ao assunto, Armando Gnisci parte dessa simples constatação de ordem linguística (Gnisci: 1992, p.215) para defender a tese de que a Europa – na pluralidade das suas nações constituintes – foi construída, e continua a construir-se, sob a imagem dupla de identidade/alteridade. Mas, anos antes, já Julia Kristeva tinha também percorrido o destino do estrangeiro na civilização europeia – desde as tradições grega e judaico-cristã, passando pelos cosmopolitismos renascentistas e iluministas, bem como pelo universalismo romântico e a culminar na “inquietante estranheza” associada à descoberta freudiana do inconsciente – a fim de mostrar como a alteridade, simultaneamente biológica e

simbólica, está definitivamente instalada em nós (Julia Kristeva:1988)

1. Na medida em que na constante busca identitária o confronto com o Outro supõe sempre uma comparação, explícita ou implícita, e se integra naquilo que, numa terminologia backthianiana, se apelidará de dialogismo cultural, a imagologia literária – enquanto estudo das representações do estrangeiro (do Outro) na Literatura, foi-se afirmando como um dos domínios mais antigos da Literatura Comparada.

Nesse contexto, e desde o início, foram privilegiados como *corpus* de análise as narrativas de viagem, os romances de exílio, ou outras obras de ficção incluindo estrangeiros ou imagens mais ou menos estereotipadas de um território estrangeiro. Contudo, apesar de terem granjeado uma fortuna considerável<sup>1</sup>, sobretudo no âmbito da chamada “escola francesa da Literatura Comparada”<sup>2</sup>, muitos desses estudos, elaborados sob a égide ou a pretexto da imagologia, incorriam tanto dos vícios epistemológicos de uma *Stoffgeschichte* positivista, como dos estratagemas de um nacionalismo mascarado da evocação do estrangeiro e apoiado numa pretensa “psicologia dos povos”. Apontava-se-lhes ainda o desvio do âmbito propriamente literário, em direcção a textos e análises mais enquadráveis em domínios como os da história ou da antropologia. No auge de uma das mais conhecidas crises endémicas da Literatura Comparada – despoletada, por arrastamento de uma mudança geral de paradigma nos estudos literários, em finais da década de 50 – era altamente improvável não ser sensível às críticas desferidas contra os excessos descritivistas, citacionais e de uma interdisciplinaridade casual ou pouco rigorosa, patenteados por muitos trabalhos designados como imagológicos.

Não obstante, e por força também daquilo que, sobretudo a partir da década de 80, veio a ser de novo reivindicado como fundamental para a abordagem literária, ou seja, o contexto histórico-cultural, que fora entretanto estrategicamente subestimado a favor de análises imanentistas e sincrónicas, tem vindo a assistir-se a uma recuperação do contributo da perspectiva imagologista – assente agora em alguns princípios de auto-validação – para a abordagem da complexidade de todo o campo literário (Bourdieu) que concebe e integra a Literatura como fenómeno poliédrico, ou

como polissistema – termo que ao longo desta década se tornou num verdadeiro catalizador teórico, visando a descrição de diferentes níveis estruturais dos fenómenos estéticos, em estreita relação com a história cultural.

Actualmente, para além das ligações interdisciplinares que sempre foi estabelecendo com a Antropologia, a Sociologia ou a História, a Imagologia encontra-se intimamente ligada a outros domínios emergentes no âmbito dos Estudos Literários e da Literatura Comparada (Moura: 1999, p.188-191), tais como os “Cultural studies”, a Crítica pós-colonial ou ainda a Mitocrítica (Brunel: 1998, p.225-234), os Estudos de Recepção e Tradução (Chevrel: 1992, p.152).

2. A imagologia literária propõe-se, em síntese, o estudo de “um conjunto de ideias sobre o estrangeiro tomadas num processo de literarização mas também de socialização” (Pageaux: 1994, p.60). O conceito de imagem, que está na base desta perspectiva de análise, em vez de privilegiar uma dimensão gnoseológica, no pressuposto de que a imagem seria a forma de (re)conhecimento do estrangeiro, o seu *analogon*, evidencia o entrecruzamento de planos perceptivos, memoriais e interpretativos, pelos quais a imagem – ou melhor seria dizer miragem – funciona sobretudo como “indício de um fantasma, de uma ideologia, de uma utopia próprios de um consciência que imagina a alteridade” (Moura: 1998: p.41).

Assim sendo, quando aqui se fala de imagem ou de representação do estrangeiro, estamos no âmbito do “efeito do real” ligado a uma remissividade em triplo sentido, ou seja, qualquer imagem estudada em imagologia é sempre: a) imagem de um referente estrangeiro; b) imagem proveniente de uma nação (sociedade ou cultura); e c) imagem criada pela sensibilidade particular de um autor (Moura: 1999, p.184). A abordagem em separado de cada um destes aspectos, com pressupostos erróneos porque limitados ou deformadores, tenderá a resultados distintos. Daí que os estudos imagológicos devam elaborar uma análise das três vertentes, articuladas entre si, de modo a não esquecer a dimensão simbólica das imagens literárias – que não devem ser avaliadas pelo seu grau de realismo ou de adequação com uma dada realidade histórica ou social, mas antes pela sua funcionalidade e valor estéticos –, nem a exacerbar a componente do mito pessoal do

escritor, subestimando a importância do imaginário social, no seio do qual o próprio escritor urdiu tais imagens. De resto, se há um aspecto interessante que a imagologia pode ajudar a equacionar no âmbito da criação literária é justamente o de obrigar a repensar quer as leis materialistas da arte como reflexo, quer os discursos idealistas em torno da liberdade criativa.

Por conseguinte, se por um lado interessa elucidar até que ponto a apreensão da realidade estrangeira pelo escritor (e consequentemente pelos leitores) não é directa, mas mediatizada pelas representações imaginárias do grupo ou da sociedade a que pertencem – donde a necessidade de estudar o imaginário social que rodeia o plano da produção e da recepção das obras –, por outro lado, importa também evidenciar o papel inovador da imaginação, a sua componente já não reprodutora mas produtora (Ricoeur: 1986, p.214-215), realçando as imagens que reagem, pela diferença, a essas representações colectivas ou convencionais, sempre no entendimento de que o discurso literário não é directamente referencial, procedendo antes pela “refiguração”.

3. Seguindo ainda a leitura hermenêutica de Paul Ricoeur relativa às práticas ou discursos enquadráveis no imaginário social, Jean Marc-Moura propôs uma distinção tipológica das imagens do estrangeiro, considerando, por um lado, as **imagens ideológicas** e, por outro, as **imagens utópicas** – pólos extremados entre os quais balançam, e tendencialmente se situam, as imagens sobre o estrangeiro passíveis de serem encontradas em obras literárias ou paraliterárias.

No primeiro caso, a ideologia, enquanto horizonte de referência que delimita o universo mental a partir do qual o escritor vai construir as suas representações e produzir sentido, faz com que as imagens do estrangeiro apresentem essencialmente uma função integradora, confirmando os pré-conceitos que a comunidade onde surgem as imagens possui relativamente à realidade estrangeira. Essas representações ideológicas tenderão a ser arquetípicas e/ou hierarquizadoras e/ou redutoras, tal como os planos de análise inventariados pelo referido autor de *Essais d'Herménentique* para o conceito de ideologia. Em termos de análise narrativa, uma tal distribuição de funções da representação do estrangeiro remete-nos

nos dois primeiros casos para o símbolo ou mesmo para o mito, enquanto o terceiro corresponde ao estereótipo ou cliché.

Por sua vez, as imagens essencialmente utópicas exercem uma função subversiva, na medida em que questionam e se distanciam do imaginário social em que se integram, apresentando o estrangeiro em termos fundamentalmente excêntricos e, portanto, como uma realidade alternativa. Mas também estas representações poderão ser analisadas segundo três níveis de sentido: desde o pôr em questão da identidade do grupo à idealização da alteridade, passando pela crítica das relações de autoridade que ligam o grupo ao estrangeiro representado.

Como síntese deste espectrograma do imaginário referente ao Outro estrangeiro, Jean Marc-Moura avançou com a proposta de dois termos correspondentes aos pronomes latinos “alter” e “alius”. Assim, **ALTER** – enquanto “o outro de um par” – é o reflexo da cultura de um grupo; **ALIUS** – enquanto “o outro indefinido” – é uma recusa radical dessa mesma cultura (Moura: 1998, p.53). Embora não estejam aqui necessariamente em causa relações de superioridade ou de inferioridade entre as culturas em análise – a que representa e a que é representada –, convém não esquecer, tal como o citado comparatista assinala, o facto de se estar perante núcleos de representação que se implicam dialecticamente. Com efeito, nem a subversão deixa de estar completamente sujeita àquilo que pretende subverter, nem a reprodução ideológica impede que, por vezes, se erga a diferença no seio daquilo que parecia ser uma mera exaltação dos valores pré-existentes do grupo...

4. O *corpus* de análise dos estudos imagológicos continua a ser constituído preferencialmente por textos narrativos, pela ficção em geral e pelas crónicas de viagem, uma vez que são discursos que se prestam mais facilmente às diferentes vertentes da análise semiológica, do processo narrativo, da construção das personagens e da sua relação com os componentes espacio-temporais<sup>3</sup>.

Não obstante, é possível – e nalguns casos até mesmo fundamental como processo propedêutico – ter em conta a perspectiva imagológica para textos críticos ou poéticos, quando neles está de alguma forma em causa a recepção de uma realidade ou cultura estrangeiras<sup>4</sup>. Não só a recepção de um autor ou de uma dada obra pode ser crucial para o estudo da(s) imagem(s) de um país

numa dada cultura, como essa(s) imagen(s) pode(m) ter consequências estruturantes no cânone literário de um autor ou de uma comunidade literária.

Em qualquer dos casos, verificar-se-á que o imaginário em torno do estrangeiro apresenta uma lógica de investimento simbólico que Daniel-Henri Pageaux divide em quatro atitudes fundamentais (Pageaux: 1994, p.71-72):

A mania ( o estrangeiro é tido como superior);

A fobia ( o estrangeiro é visto como inferior);

A filia ( tanto a cultura receptora como a realidade estrangeira são consideradas positivas e complementares entre si);

O cosmopolitismo ou internacionalismo ( as relações entre culturas tendem a transformar-se em movimentos de unificação).

Deste modo se pode entender o estudo da representação do Outro estrangeiro como integrado num conjunto de relações de força entre sistemas culturais, cuja orgânica não pode ficar pela simples inventariação das imagens, pois merece uma análise interdisciplinar mais sistemática e articulada para não ficar resumida (reduzida) ao termo demasiado genérico e até banalizado de diálogo de culturas. Acresce ainda que a abordagem imagológica pode ajudar a reformular ou a apurar outros aspectos daquilo que está efectivamente em jogo na Literatura Comparada, em especial no campo dos Estudos de Recepção. Por exemplo, graças a um enquadramento imagológico das relações literárias internacionais, a análise dos discursos críticos sobre literaturas estrangeiras recebidas por via de traduções ou de adaptações, torna-se sobretudo num estudo dos processos de avaliação, de representação e de legitimação, em função de critérios e de normas que estão na base das continuidades e rupturas no processo histórico e cultural da criação literária (Pageaux, 1992, p.305).

5. Voltando àquele que foi o nosso ponto de partida, cumpre-nos reiterar a pertinência do estudo da representação do Outro estrangeiro no âmbito do tema aglutinador do nosso projecto de investigação – Literatura e Identidades – na exacta medida em que as diferentes modalidades, pressupostos e estratégias de especulação em torno do estrangeiro constituem outros tantos espelhos da Literatura/Cultura representante, que interessa dilucidar e interpretar do ponto de vista quer de poéticas individuais, quer de

discursos estéticos ou imaginários colectivos, por forma a fazer cruzar as dinâmicas identitárias da representação e da auto-representação.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Destaque-se, a título de exemplo, o trabalho pioneiro de Jean-Marie Carré, *Les Écrivains Français et le Mirage Allemand, 1800-1940* (Paris, Boivin, 1947), bem como o de alguns dos seus mais conhecidos seguidores: Marius-François Guyard, *L'Image de la Grande-Bretagne dans le Roman Français, 1914-1940* (Paris, Didier, 1954) Michel Cadot, *La Russie dans la vie intellectuelle française (1839-1856)*, (Paris, Fayard, 1967) e Daniel-Henri Pageaux, *L'Espagne devant la conscience française au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1975).

<sup>2</sup> Embora importe não esquecer o imprescindível contributo alemão, desde o decalque da própria palavra – imagologia – até à teorização subjacente aos estudos, em particular de Hugo Dyserinck ( “Zum Problem der «images» und «mirages» und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft”) e do suíço Manfred Fischer.

<sup>3</sup> A este propósito, veja-se o estudo de Jean-Marc Moura (1992), bem como a estimulante reflexão de Manfred Schmeling (1999:195-207).

<sup>4</sup> Assim aconteceu com a investigação que dedicámos às relações da poesia e crítica de António Ramos Rosa com a cultura francófona ( Ana Paula Coutinho Mendes, *Das Relações Literárias Portugal-França. António Ramos Rosa – Mediação Crítica e Criação Literária*, Tese de Doutoramento apresentada à FLUP, 1998), bem como à análise da antologia de poemas franceses traduzidos por Manuel Alegre (Ana Paula Coutinho Mendes, “A França de Manuel Alegre: do não lugar ao lugar poético”, 1999 – a publicar em Actas)

## OBRAS CITADAS

Brunel, Pierre (1998) – “Littérature comparée: les théories de l’imaginaire et l’exégèse des mythes littéraires”, *Introduction aux méthodologies de l’Imaginaire*, sous la direction de Joël Thomas, Paris, Ellipses.

Chevrel, Yves (1992) – “La Littérature en traduction constitue-t-elle un champ littéraire?”, *Le Champ Littéraire – Études réunies et présentées par P. Citti et M. Detrie*, Paris, Vrin.

---

Gnisci, Armando (1992) - " Le jeu de l'altérité comme identité européenne", *Europa Provincia Mundi – Essays offered to Hugo Dyserinck*, edited by Joep Leerssen and Karl Ulrich Syndram, Amsterdam-Atlanta, Rodopi.

Kristeva, Julia (1988) – *Étrangers à nous-mêmes*, Paris, Fayard.

Moura, Jean-Marc (1992) – *L'Image du Tiers Monde dans le roman français contemporain*, Paris, PUF.

Moura, Jean-Marc (1998) - *L'Europe Littéraire et l'Ailleurs*, Paris, PUF.

Moura, Jean-Marc (1999) – "L'imagologie Littéraire: Tendances Actuelles", *Perspectives Comparatistes – Études réunies par Jean Bessière et Daniel-Henri Pageaux*, Paris, Honoré Champion.

Pageaux, Daniel-Henri (1994) - *La Littérature Générale et Comparée*, Paris, Armand Colin, 1994.

Pageaux, Daniel-Henri (1996) - *Le bûcher d'Hercule – Histoire, critique et théorie littéraires*, Paris, Honoré Champion.

Ricoeur, Paul (1986) – *Du texte à l'action – Essais d'herméneutique II*, Paris, Seuil.

Schmeling, Manfred (1999) - "Point de vue narratif et altérité culturelle" in *Comparative Literature Now Theories And Practice – La Littérature Comparée à l'Heure Actuelle Théories et Réalisations - Selected Papers / Contributions choisies du Congrès de l'AILC tenu à l'Université d'Alberta en 1994*, Paris, Honoré Champion, 195-207.